

ISABEL VAZ DE FREITAS

ITINERÁRIOS DOS OFICIAIS DE COBRANÇA  
DE DIREITOS RÉGIOS.  
OS LIVROS DE PORTOS SECOS NO SÉCULO XVI

Câmara Municipal de  Guimarães

2004



# **Itinerários dos oficiais de cobrança de direitos régios. Os Livros de Portos Secos no século XVI**

por

**ISABEL VAZ DE FREITAS**

(Universidade Portucalense)



## ITINERÁRIOS DOS OFICIAIS DE COBRANÇA DE DIREITOS RÉGIOS. OS LIVROS DE PORTOS SECOS NO SÉCULO XVI

Através dos itinerários dos oficiais de cobrança de direitos régios registados nos livros de portos secos do século XVI, é possível verificar o exercício do cargo e o estado da fiscalidade régia.

Nestes registos, detecta-se que, apesar dos inúmeros esforços reunidos pelo monarca, pelos oficiais mais cumpridores e pela população que se sente desmoralizada com as infracções, grande parte dos direitos régios ficam por cobrar.

Por um lado o contorno da população da legislação em vigor e o grande número de passadores e descaminhadores permitem elevados índices de contrabando, que em muito reduzem os rendimentos régios. Por outro lado, os métodos de cobrança não são os mais eficazes.

Os oficiais de vigilância das fronteiras e das transacções de mercadorias são actuates positivos e negativos, coniventes e assustadores, vigilantes rudes e permissivos fraudulentos, ausentes e presentes. Uma imagem transmitida pelas inúmeras acusações que recaem sobre estes oficiais.

Apesar de deverem cumprir o seu ofício com «*diligencia*» e «*fidelidade*», duas qualidades indispensáveis para quem vigia o cumprimento da legislação emanada pelo poder central, são acusados de praticar inúmeros abusos e violências na recolha dos direitos régios e de sobrepor o benefício pessoal ao geral.

São várias as queixas contra a perturbação causada pelos rendeiros que efectuem as suas cobranças aos agricultores em períodos de trabalho agrícola intenso e aos almocreves que já se encontram prontos para partir com as suas mercadorias<sup>1</sup>, e pelo desrespeito pelos direitos dos mercadores e de outros frequentadores que trazem artigos de Castela.

Muitas outras críticas dirigidas aos oficiais encarregues das actividades se ouvem e se repetem. Apreendem os bens pessoais dos que se dirigem a Castela em romaria, fazem as cobranças com muita «aspreza»<sup>2</sup>, os cargos são entregues a homens que não sabem ler nem escrever<sup>3</sup>, prevalecem no cargo demasiado tempo ganhando assim, vícios difíceis de controlar, são coniventes com alguns indivíduos, cobram abusivamente os assentamentos, mantêm criados e acostados que praticam as maiores violências à população, usam castelhanos ou galegos no auxílio das tarefas de vigilância<sup>4</sup>.

Estas são as vozes ouvidas. Vozes que correspondem à realidade ou apenas reforçam erros para concretizar objectivos e obter menos pressão sobre vendas e transacções pela fronteira. Alguma verdade deve existir e algum exagero também.

<sup>1</sup> BRITO, P<sup>o</sup> Cunha – Os pergaminhos da Câmara de Ponte de Lima. In *O Archeologo Português*. Lisboa: Museu Ethnologico Português. Imprensa Nacional, 1907, vol. XV, p. 23.

<sup>2</sup> *Idem* vol. XV, p. 8.

<sup>3</sup> SANTARÉM, 2.<sup>o</sup> Visconde – *Memoria para a história, e theoria das cortes geraes...*, p. 248-249.

<sup>4</sup> I.A.N./T.T., *Leitura Nova, Além Douro*, L. 4, fl. 219-221v.

Esta tarefa de cobrança de direitos régios não é fácil e envolve em inúmeros contratemplos os indivíduos responsáveis pela entrega das quantias determinadas. Uma das grandes dificuldades em manter os montantes liga-se com o facto de nem todos os mercadores pagarem as dízimas e sisas atempadamente, ou nunca as pagarem. Para fazer face a esta situação existem os fiadores e parceiros que se responsabilizam pelas dívidas. O devedor tem 10 dias para pagar a sisa em dívida, se não o fizer paga a sisa em dobro e sujeita-se à penhora da mercadoria <sup>5</sup>.

Serão penhorados os que não forem pagar aos lugares ordenados para se efectuarem estes pagamentos. Guimarães para os de Entre Douro e Minho e Azinhoso para os de Trás-os-Montes <sup>6</sup>. Além destes são marcados outros pontos de pagamento em feiras ou em locais ordenados pelo recebedor para o efeito <sup>7</sup>.

O contador faz a ligação entre todas as alfândegas instituídas dos portos secos. Reúne os cadernos onde foram registados os movimentos de alealdamento e de pagamento de sisa e dízima e regista num único livro os valores.

Os livros de registo de entrada e de saída de mercadorias pela fronteira, são enviados pelo contador da comarca ao monarca decorrido um ano sensivelmente <sup>8</sup>. Este prazo não é fixo e conta com prolongamentos que advêm do facto de surgirem alguns contratemplos internos ou outros resultantes da própria realização do trabalho <sup>9</sup>.

Após a entrega dos livros o vedor da fazenda verifica as contas. Se o resultado confirmar a relação do registo com o montante entregue, o monarca passa uma carta de quitação na qual livra de qualquer encargo o cobrador do porto <sup>10</sup>. Se o resultado apresentar um montante menor ao registo, a dívida acumula para o ano seguinte e assim sucessivamente até a entrega satisfazer o registo do livro.

Desde que termina o ano fiscal até que a análise de contas e a entrega da carta de quitação esteja completa decorre um período de cerca de quatro anos <sup>11</sup>. Este período de tempo alargado remete para a dificuldade de que é vítima a burocracia e para a lentidão que acompanha os despachos sobretudo os que são emanados do poder central. Este espaço de tempo é ainda agravado pelo facto de muitas cobranças de dívidas de mercadores se prolongarem.

<sup>5</sup> *Documentos para a história da cidade de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal, 1950. Livro de Reis, vol. II, p. 125.

<sup>6</sup> I.A.N./T.T., NA 518, *Livro de recebimento de sisa e dízima*. Ano de 1517, fl. 138.

<sup>7</sup> I.A.N./T.T., NA 521, *Livro de recebimento de sisa e dízima*. Ano de 1515, fl. 116v.

<sup>8</sup> Entre os muitos exemplos pode ser referido o caso de Francisco Borges, recebedor do porto de Bragança recebeu os dinheiros relativos ao ano de 1515. I.A.N./T.T., NA 521, *Livro de recebimento de sisa e dízima*. Ano de 1515, fl. 12v.

<sup>9</sup> Assim o aponta a referência à entrada de panos sempre relativa ao ano anterior: presente nos livros de registo dos portos secos.

<sup>10</sup> Ver FREIRE, A. Braacamp – Cartas de Quitação Del Rei Dom Manuel. In *Archivo Histórico Português*: Lisboa, 1904, vol. II, p. 34, 74, 158, 232, 349, 421...

<sup>11</sup> As cartas de quitação são passadas num período de quatro anos após o exercício do cargo e entrega de contas. Ver FREIRE, A. Braacamp – Cartas de Quitação Del Rei Dom Manuel. In *Archivo Histórico Português*: Lisboa, 1904, vol. III, p. 239, doc. 331.

Localmente, o recebedor parece ter um percurso anual de cobrança de direitos régios pré-determinado, que em princípio pretende cumprir. Assim poderá acordar os pagamentos para um certo local em determinada altura do ano. Elucida o caso do pagamento de sisa e dízima que em Fevereiro de 1514 foi acordado para Freixo na Pascoela desse ano, onde pretende estar o recebedor nessa altura <sup>12</sup>. Se a Pascoela nesse ano foi em meados de Março, o estabelecido cumpriu-se. O mesmo se pode apontar relativamente às cobranças efectuadas no Azinhoso e em Guimarães. No Azinhoso o oficial está sempre pelos mesmos dias do início de Setembro, e em Guimarães sempre em fins Agosto.

O recebedor dos portos acompanhado do escrivão dirige-se a Guimarães e a Azinhoso, locais estabelecidos para recolha dos direitos régios <sup>13</sup>, passando pelos diferentes portos de forma a receber os direitos correspondentes à sisa e à dízima. Como muitos mercadores não efectuam o pagamento nestes locais, o recebedor e o escrivão deslocam-se pelos portos secos e por outros locais de morada dos devedores. Os mercadores teriam que se deslocar ao porto mais perto de onde eles se encontram para efectuar os seus pagamentos. Nestas visitas aos portos secos, o recebedor aproveita para fazer avenças ou para solucionar outras questões relacionadas com os pagamentos de dízimas e sisas.

No livro relativo às cobranças de 1513 <sup>14</sup>, o recebedor é Lourenço Alvares e o escrivão Afonso Lourenço. Por vezes substitui o recebedor, Lourenço Alvares, o seu irmão Granjel Alvares, motivado naturalmente pela sua ausência.

Os portos do Entre-Douro-e-Minho não são muito visitados. Este facto relaciona-se com a localização mais intensa dos mercadores, que efectuam o trânsito pelos portos secos, em Trás-os-Montes. Mais no litoral os mercadores das vias terrestres dividem a sua influência com os outros das vias marítimas e desta forma o volume de passagem de mercadorias é superior mais junto à fronteira.

No ano de 1513 o percurso inicia-se em Guimarães no mês de Agosto <sup>15</sup>, de onde seguem para Braga, Ponte de Lima, Barcelos, Porto, Mesão Frio, Azinhoso, Mogadouro, Freixo de Espada à Cinta, Torre de Moncorvo, Vila Real, Vila Pouca de Aguiar, Chaves e Bragança. O percurso é realizado entre 23 de Agosto e 16 de Novembro. Um percurso extenso para um tempo limitado, se for tido em conta o facto de se efectuarem várias cobranças em cada local. O tempo de repouso é apenas o indispensável para o refazer de forças e seguir viagem.

A legislação permite que no ano seguinte de 1514 ainda se efectuem cobranças das sisas dos panos entrados em 1513 sem penalização. Mais uma vez o recebedor se desloca a Guimarães para efectuar as cobranças aos mercadores de Entre-Douro-

<sup>12</sup> I.A.N./T.T., NA 519, *Livro de recebimento de sisa e dízima. Ano de 1513*, fl. 114.

<sup>13</sup> De facto o maior número de pagamentos de sisa e de dízima é efectuado no Azinhoso e em Guimarães.

<sup>14</sup> Este é o primeiro livro que refere as datas de recebimento de sisas e dízimas e o local onde se efectuaram.

<sup>15</sup> Ver mapa n.º 1.

-e-Minho <sup>16</sup>. Daqui segue para Braga, Ponte de Lima, Viana, Barcelos, Vila do Conde, Porto, Arrifana, Mesão Frio, Vila Real, Chaves, Freixo de Espada à Cinta, Mogadouro, Miranda, Bragança e Vinhais. Regressa a Chaves e continua para Veiga de Lila, Mirandela, Vila Flor e regressa a Torre de Moncorvo. Faz ainda uma viagem esporádica a Freixo de Espada à Cinta para colmatar falhas de pagamentos.

Esta segunda viagem é um pouco mais demorada que a primeira. Situa-se entre os meses de Janeiro e de Abril de 1514. Neste percurso verifica-se um número maior de cobranças pelo que a presença do recebedor e do escrivão é mais demorada em cada localidade. O tempo das presenças no Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-Montes igualaram-se este ano. A viagem pelo litoral foi mais demorada, certamente em virtude das falhas do ano anterior. Este ano visitou também alguns portos que no ano passado não tinha visitado. Nada há a apontar ao desempenho das funções de cobrança itinerante destes oficiais.

No livro de 1514 mantém-se o recebedor Lourenço Alvares e o escrivão Afonso Lourenço a exercer funções. Inicia-se a viagem em Guimarães, a 25 de Agosto <sup>17</sup>. A viagem segue para Braga, Ponte de Lima, Barcelos, Porto, Mesão Frio, Azinhoso, Mogadouro, Bragança, regressa ao Mogadouro e segue para Freixo de Espada à Cinta, Torre de Moncorvo, Vila Flor, Vila Real, Chaves, Vinhais, Bragança e Quintela <sup>18</sup>. Termina a viagem no início de Outubro. É feito o mesmo acompanhamento dos portos do litoral e do interior. No entanto nesta primeira recolha de sisas e dízimas os portos do litoral são menos visitados, quer em número quer em tempo disponibilizado pelos oficiais. É nítido o pouco relevo que possuem estes portos no comércio terrestre.

A segunda volta pelos locais de cobrança, inicia-se a 3 de Março e negligencia os portos do litoral que estão ausentes das suas visitas <sup>19</sup>. Vila Flor, Freixo de Espada à Cinta, Mogadouro, Miranda do Douro, Vila Franca, Izeda, Bragança, Soeira, Vinhais, Chaves, Vilharandelo, Carvalhais, Mirandela, de novo Vila Flor e Torre de Moncorvo, são os locais que no ano de 1515 são visitados pelo recebedor Lourenço Alvares que passa a actuar em conjunto com o recebedor Diogo Vasques, seu genro, que o substitui nas andanças das cobranças deste ano. Viagem curta que termina no dia 26 de Março.

É de assinalar a ausência de Lourenço Alvares. Outros negócios o devem ter prendido, ou provavelmente já o processo crime que o livro relativo ao próximo ano indica como motivo das suas ausências e da sua permanência junto ao poder central <sup>20</sup>. Este oficial, cumpridor da sua função, neste ano ausenta-se por longo período de tempo. A sua substituição conduziu a grandes falhas nas cobranças.

<sup>16</sup> Ver mapa n.º 2.

<sup>17</sup> A primeira viagem do ano inicia-se em Agosto ou em Setembro, meses em que se inicia o ano da cobrança fiscal, logo após o fecho do ano anterior.

<sup>18</sup> Ver mapa n.º 3.

<sup>19</sup> Ver mapa n.º 4.

<sup>20</sup> I.A.N./T.T., NA 521, *Livro de recebimento de sisa e dízima. Ano de 1515.*

Entre as viagens mais elucidativas da acção destes oficiais salienta-se a realizada entre Bragança e Mogadouro no mesmo dia. Entre as duas vilas contam-se 10 léguas de distância<sup>21</sup>. Tendo em conta que uma légua corresponde a 5 km, o recebedor teria percorrido em menos de um dia 50 km<sup>22</sup>. Salienta-se ainda o trajecto Mogadouro/Freixo concretizado apenas num dia, tempo ainda preenchido com algumas cobranças.

Os anos de 1515 e de 1516 registam uma significativa deslocação do recebedor e do escrivão. Como recebedores actuam Lourenço Alvares e Diogo Vasques, na ausência de Lourenço Alvares por estar ocupado na corte com o tal processo crime em que se viu envolvido<sup>23</sup>. Como escrivão mantem-se Afonso Lourenço.

O início das suas viagens está mais uma vez marcado para o dia 25 de Agosto e a partir de Guimarães<sup>24</sup>. Daqui partem para Braga, Ponte de Lima, Barcelos, Porto, Mesão Frio, Azinhoso e Mogadouro. De volta ao Azinhoso o rumo orienta-se em direcção a Torre de Moncorvo, Fonte Longa, Belver, Vila Flor, Vila Real, Chaves, Santo Estevão, Vinhais, Bragança, Parada, Miranda, Freixo de Espada à Cinta e volta à sede de almoxarifado, Torre de Moncorvo. Mais uma vez não é dispensada muita atenção ao litoral, onde apenas dispensam alguns dias do fim de Agosto e do início do mês de Setembro. A caminhada termina em Outubro.

No ano de 1516 a viagem inicia-se por Amarante, em fins de Janeiro<sup>25</sup>, e segue em direcção a Guimarães, Braga, Ponte de Lima, Barcelos e Porto. De regresso a Amarante seguem para Mesão Frio, Vila Real, Vila Pouca de Aguiar, Chaves, Fiães, Mirandela, Vila Flor, Freixo de Espada à Cinta, Torre de Moncorvo, Mogadouro, Miranda, Sanseriz, Quintela, Viduedo, Bragança, Soeira, Quintela de Valpaços, Vinhais e finalmente Torre de Moncorvo. Neste ano são percorridos muitos dos locais de origem dos mercadores e de outros que passaram a fronteira, devedores de dízima e sisa. A acção destes recebedores é sem dúvida esclarecedora de um bom trabalho que pode ser feito no decorrer das funções. De facto, os poucos dias que ocupam este itinerário não permitem aos oficiais grandes tempos de descanso.

Desta vez Diogo Vasques revela já mais qualidades como oficial, o que denota que a experiência e a aprendizagem são fundamentais para melhor cumprir as demandas dos cargos.

Os anos de 1517 e de 1518 são de igual forma marcados por grande número de viagens, mas estas contêm uma certa desorganização, talvez marcada pela mudança de recebedor. Lourenço Alvares continua ocupado na corte<sup>26</sup> e, é por isso, substi-

<sup>21</sup> BAIÃO, António – Povoamento de Trás-os-Montes no XVI século. In *Archivo Histórico Português*: Lisboa, 1909, vol. VII, n.º 7, p. 262.

<sup>22</sup> No mesmo dia o recebedor efectua cobranças em Bragança e no Mogadouro. Assim, a viagem entre as duas vilas teria de ser inferior a um dia de exposição solar. Algumas horas seriam suficientes para percorrer este percurso.

<sup>23</sup> I.A.N./T.T., NA 521, *Livro de recebimento de sisa e dízima. Ano de 1515*.

<sup>24</sup> Ver mapa n.º 5.

<sup>25</sup> Ver mapa n.º 6.

<sup>26</sup> I.A.N./T.T., NA 518, *Livro de recebimento de sisa e dízima. Ano de 1517*, fl. 137v.

tuído por Francisco Martins. A auxiliar as funções de recebedor, o que permite antever uma certa inexperiência de Francisco Martins neste cargo, estão o porteiro dos contos Pedro Afonso, o contador Diogo Sampaio e esporadicamente um dos rendeiros dos portos Francisco de Medina. Estas substituições traduzem-se em alguma preocupação para as cobranças.

O ano de 1517 é marcado por longas etapas de uma viagem que não se inicia em Guimarães mas sim no Azinhoso no início de Setembro<sup>27</sup>. Segue depois em direcção a Vila Flor, Nozelos, Mesão Frio, Canaveses, Porto, Arrifana, Vila Real, Vila Pouca de Aguiar, Chaves, Parada, Vinhais, Soeira e Bragança. De regresso a Parada o caminho segue por Quintela, Vila Franca, Podence, Miranda e termina em Torre de Moncorvo. Nesta primeira etapa muitos portos e muitos locais do Entre-Douro-e-Minho ficam por visitar. A preferência das visitas vai para Trás-os-Montes. Exigirão as cobranças este percurso? Ou o recebedor por vontade própria não se demorou no litoral?

No ano seguinte de 1518 as visitas ao Entre-Douro-e-Minho tiveram já algum significado, no entanto a preferência continua a ser pelo interior transmontano. A presença nos portos do litoral é mais uma vez curta. Continuarão os portos secos a não exigir uma presença mais marcada do oficial?

A viagem inicia-se em Vila Flor, em Janeiro<sup>28</sup>, e segue para Belver, Vila Real, Mesão Frio, Vinhais, Guimarães, Braga, Lamela, Ponte de Lima, Vila do Conde, Barcelos, Porto, Arrifana, Amarante, Mondim de Basto, Ermelo, Chaves e Monforte. De regresso a Vinhais, o itinerário segue para Quintela de Valpaços, Parada, Soeira, Bragança, Miranda e regressa a Bragança. Daqui segue para Mogadouro e finaliza em Torre de Moncorvo em meados de Março de onde o recebedor e o escrivão apenas farão uma viagem em Junho a Miranda.

Estas deslocações fora de época indicam a necessidade de várias cobranças itinerantes ao longo do ano e indiciam um comportamento profissional e preocupado destes oficiais. É importante obter a carta de quitação do monarca.

Neste caminho salienta-se o trajecto Miranda – Bragança – Mogadouro, realizado apenas em 9 e 10 de Março. Uma longa distância percorrida em pouco tempo.

A viagem do ano de 1521 inicia-se no Azinhoso a 9 de Setembro<sup>29</sup>, segue para Chaves, Torre de Moncorvo, onde permanece durante algum tempo, continua por Vila Real, Ermelo, Arrifana, Porto, Vila do Conde, Barcelos, Ponte de Lima, Braga, Guimarães, volta a Chaves, segue para Mirandela e para Vila Flor e finaliza em Torre de Moncorvo. Este é um primeiro percurso marcado pela presença de um novo recebedor – João de Lobão. O recebedor percorreu alguns portos importantes do Entre-Douro-e-Minho e de Trás-os-Montes. Percurso relevante é o estabelecido entre Torre de Moncorvo, Vila Real e Ermelo apenas nos dias 23 e 24 de Outubro. Uma viagem rápida e eficaz.

A sua ausência detecta-se em determinados dias do ano. Por este motivo o recebimento das sisas e dízimas é efectuado pela sua mulher Isabel de Castro ou por

<sup>27</sup> Ver mapa n.º 7.

<sup>28</sup> Ver mapa n.º 8.

<sup>29</sup> Ver mapa n.º 9.



Pedro Vasques, homem dos portos, naturalmente requerido pelo recebedor para a realização das cobranças<sup>30</sup>. A visita de menos portos secos anuncia uma redução nos rendimentos alfandegários.

O ano de 1522 o recebedor começa o itinerário a 4 de Janeiro por Freixo de Espada à Cinta<sup>31</sup> segue para Mogadouro, Azinhoso, Miranda, Parada, Bragança, Vinhais, Monforte, Chaves, Mirandela, Torre de Moncorvo, Bragança, volta a Torre de Moncorvo onde permanece durante algum tempo, segue para Mesão Frio, Guimarães, Braga, Ponte de Lima, Ponte da Barca, Arcos de Valdevez, Barcelos, Monção, Valença, Vila Nova, volta a Ponte de Lima, Barcelos, Vila do Conde, Porto, Arrifana, Vila Real, Belver, Vila Flor e finaliza o trajecto em Torre de Moncorvo. Esporadicamente vai a Bragança em meados de Setembro. Neste ano a deslocação pelo litoral é de assinalar. De assinalar é também a desorganização da viagem na qual muitos dos percursos são repassados mais que uma vez. Falta de organização ou de orientação?

Os anos de 1526 e de 1527 contam com novo recebedor – Francisco da Costa – e com novo escrivão – Francisco Botelho. Os portos do Entre-Douro-e-Minho neste ano são esquecidos. Só foram visitados os portos secos de Trás-os-Montes. Iniciou-se a viagem por Mogadouro, a 14 de Setembro, seguindo para Torre de Moncorvo, Vila Flor, Mirandela, Murça, Vila Real, Chaves e Vinhais. A viagem termina em Outubro. Não se cumpriu o costume de longa data que reserva ao Azinhoso e a Guimarães as principais cobranças destas comarcas<sup>32</sup>.

As cobranças do ano de 1527 começam a 29 de Janeiro por Vila Real<sup>33</sup>, seguindo para Chaves, Mirandela, Vila Flor, Torre de Moncorvo, Freixo de Espada à Cinta, Mogadouro, Miranda, Bragança e terminam no Azinhoso em meados de Setembro. São poucos os dias deste ano reservados a cobranças. Denota-se uma diminuição das viagens dos frequentadores destes portos e uma diminuição das quantidades das mercadorias entradas. Revela ainda, este itinerário, uma ausência de visitas ao litoral.

Relativamente às cobranças registadas para o ano de 1528 poucas são as conclusões que se podem tirar uma vez que o escrivão Francisco Botelho raramente refere o local onde foram efectuadas.

Sem dúvida estes últimos anos são marcados por uma decadência no movimento dos portos secos.

Os itinerários dos recebedores permitem calcular o tempo que demoram a percorrer o caminho até ao destino. O itinerário que segue o recebedor, certamente a cavalo, é percorrido com rapidez, e efectua-se no menor tempo possível e com permanência nas povoações apenas o tempo necessário para concretizar as respectivas cobranças.

<sup>30</sup> I.A.N./T.T., NA 516, *Livro de recebimento de sisa e dízima. Ano de 1521*, fl. 99. Recebedor dá poderes à sua mulher e a Pedro Vasques para efectuar as cobranças dos direitos.

<sup>31</sup> Ver mapa n.º 10.

<sup>32</sup> Ver mapa n.º 11.

<sup>33</sup> Ver mapa n.º 12.

Pedro Vasques, homem dos portos, naturalmente requerido pelo recebedor para a realização das cobranças<sup>30</sup>. A visita de menos portos secos anuncia uma redução nos rendimentos alfandegários.

O ano de 1522 o recebedor começa o itinerário a 4 de Janeiro por Freixo de Espada à Cinta<sup>31</sup> segue para Mogadouro, Azinhoso, Miranda, Parada, Bragança, Vinhais, Monforte, Chaves, Mirandela, Torre de Moncorvo, Bragança, volta a Torre de Moncorvo onde permanece durante algum tempo, segue para Mesão Frio, Guimarães, Braga, Ponte de Lima, Ponte da Barca, Arcos de Valdevez, Barcelos, Monção, Valença, Vila Nova, volta a Ponte de Lima, Barcelos, Vila do Conde, Porto, Arrifana, Vila Real, Belver, Vila Flor e finaliza o trajecto em Torre de Moncorvo. Esporadicamente vai a Bragança em meados de Setembro. Neste ano a deslocação pelo litoral é de assinalar. De assinalar é também a desorganização da viagem na qual muitos dos percursos são repassados mais que uma vez. Falta de organização ou de orientação?

Os anos de 1526 e de 1527 contam com novo recebedor – Francisco da Costa – e com novo escrivão – Francisco Botelho. Os portos do Entre-Douro-e-Minho neste ano são esquecidos. Só foram visitados os portos secos de Trás-os-Montes. Iniciou-se a viagem por Mogadouro, a 14 de Setembro, seguindo para Torre de Moncorvo, Vila Flor, Mirandela, Murça, Vila Real, Chaves e Vinhais. A viagem termina em Outubro. Não se cumpriu o costume de longa data que reserva ao Azinhoso e a Guimarães as principais cobranças destas comarcas<sup>32</sup>.

As cobranças do ano de 1527 começam a 29 de Janeiro por Vila Real<sup>33</sup>, seguindo para Chaves, Mirandela, Vila Flor, Torre de Moncorvo, Freixo de Espada à Cinta, Mogadouro, Miranda, Bragança e terminam no Azinhoso em meados de Setembro. São poucos os dias deste ano reservados a cobranças. Denota-se uma diminuição das viagens dos frequentadores destes portos e uma diminuição das quantidades das mercadorias entradas. Revela ainda, este itinerário, uma ausência de visitas ao litoral.

Relativamente às cobranças registadas para o ano de 1528 poucas são as conclusões que se podem tirar uma vez que o escrivão Francisco Botelho raramente refere o local onde foram efectuadas.

Sem dúvida estes últimos anos são marcados por uma decadência no movimento dos portos secos.

Os itinerários dos recebedores permitem calcular o tempo que demoram a percorrer o caminho até ao destino. O itinerário que segue o recebedor, certamente a cavalo, é percorrido com rapidez, e efectua-se no menor tempo possível e com permanência nas povoações apenas o tempo necessário para concretizar as respectivas cobranças.

<sup>30</sup> I.A.N./T.T., NA 516, *Livro de recebimento de sisa e dízima. Ano de 1521*, fl. 99. Recebedor dá poderes à sua mulher e a Pedro Vasques para efectuar as cobranças dos direitos.

<sup>31</sup> Ver mapa n.º 10.

<sup>32</sup> Ver mapa n.º 11.

<sup>33</sup> Ver mapa n.º 12.

Revela este itinerário dois grandes períodos de cobranças em viagem que alternam com cobranças fixas. O primeiro período inicia-se em fins de Agosto ou no início de Setembro e termina em fins de Outubro ou no início de Novembro. O segundo período tem início em Janeiro do ano seguinte e termina em Março. Entre estes tempos algumas viagens esporádicas marcam o ano fiscal.

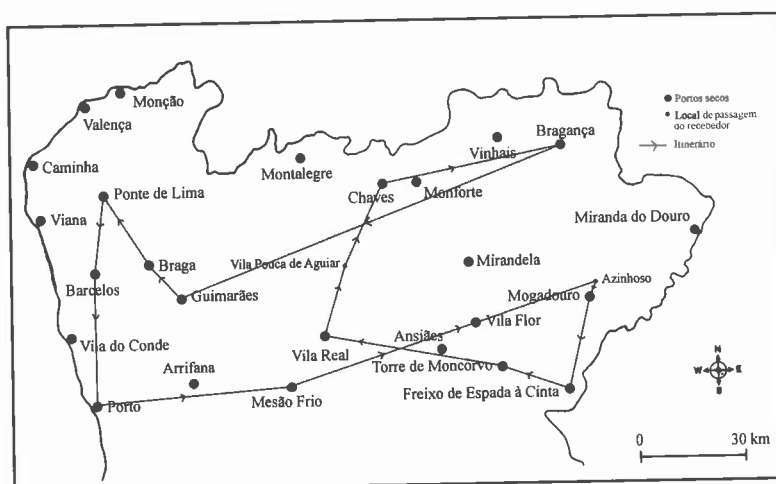
Estes itinerários permitem ainda observar o comportamento dos oficiais de cobrança. Alguns são cumpridores nas suas funções, outros despreocupados no cumprimento do seu ofício. Com frequência se fazem substituir por oficiais menores e até por familiares. Por longos tempos permanecem nas povoações, talvez desnecessariamente, ou por outro lado, são rápidos e eficientes nas deslocações. Uns não percorrem todos os portos secos com movimento, outros visitam além dos portos locais de morada de muitos devedores. Mas outros percorrem os trajectos estipulados com grande rapidez e registam com grande pormenor os livros que serviram para melhor identificar os cumpridores e não cumpridores dos pagamentos.

Cruzar as vias medievais e concretizar objectivos, apresenta grande dificuldade. Pelos itinerários destes oficiais podemos afirmar que as grandes questões das suas tarefas não se colocam no mau estado das vias ou nas dificuldades inerentes ao transporte. Os maiores obstáculos surgem do controlo dos pagamentos de direitos régios. Umas vezes desregrados, outras vezes inexistentes e outras ainda com pouca colaboração dos que praticam o comércio pela fronteira.

Ser um bom oficial exige bom senso, bons conhecimentos do espaço, boa percepção do tempo, a adopção de uma boa estratégia, de certeza nos movimentos e sobretudo uma boa dose de sangue frio que lhe permita ultrapassar todos os obstáculos. Qualidades que, sem dúvida, muitos possuem.

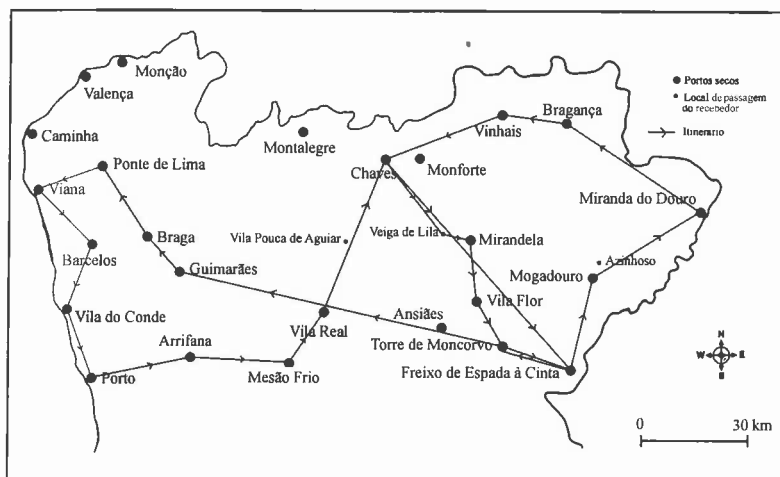
MAPA N.º 1

### Itinerários do recebedor dos portos e do escrivão no ano de 1513<sup>34</sup>

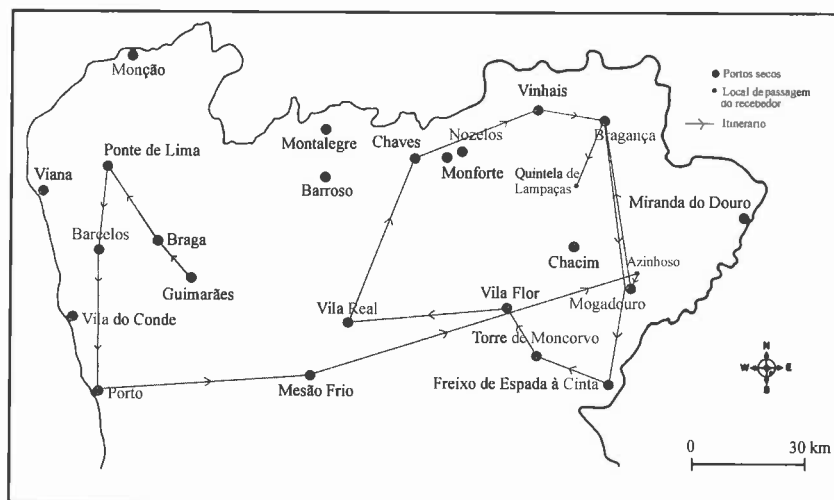


<sup>34</sup> Dados recolhidos de I.A.N./T.T., NA 519, *Livro de recebimento de sisa e dízima. Ano de 1513*.

MAPA N.º 2

Itinerários do recebedor dos portos e do escrivão no ano de 1514<sup>35</sup>

MAPA N.º 3

Itinerários do recebedor dos portos e do escrivão no ano de 1514<sup>36</sup>

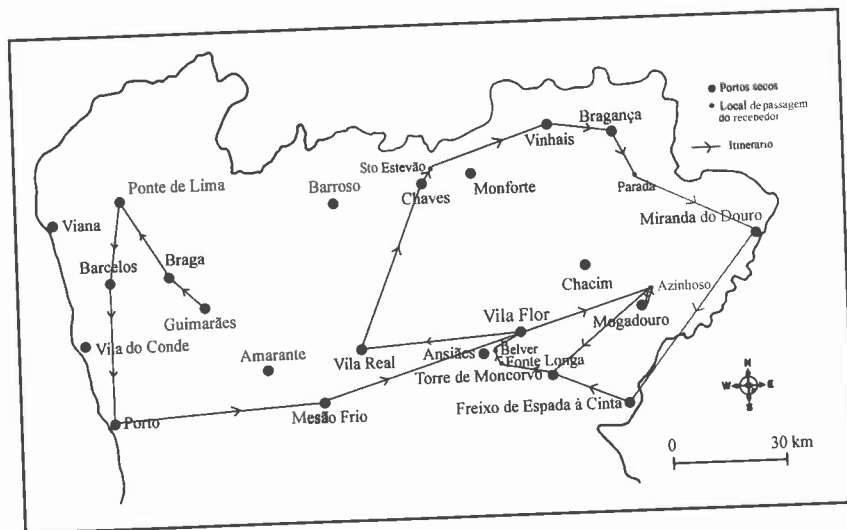
<sup>35</sup> Dados recolhidos de I.A.N./T.T., NA 519, *Livro de recebimento de sisa e dízima. Ano de 1513.*

<sup>36</sup> Dados recolhidos de I.A.N./T.T., NA 520, *Livro de recebimento de sisa e dízima. Ano de 1514.*

Itinerários do recebedor dos portos e do escrivão no ano de 1515<sup>37</sup>



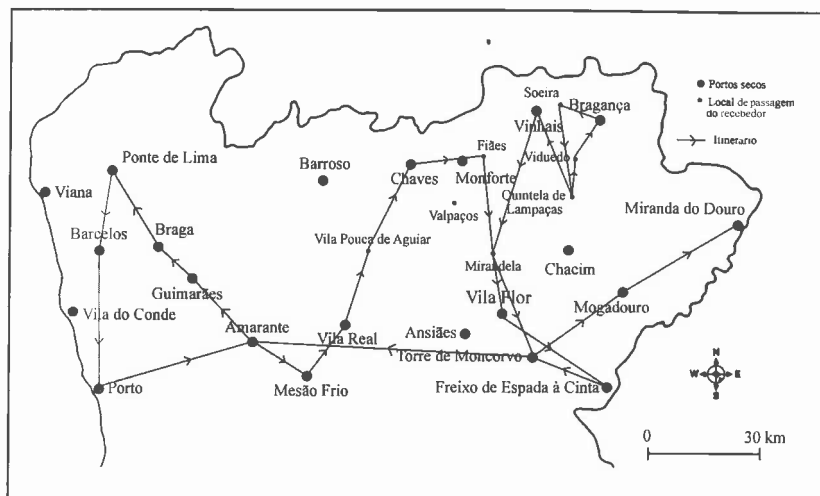
Itinerários do recebedor dos portos e do escrivão no ano de 1515<sup>38</sup>



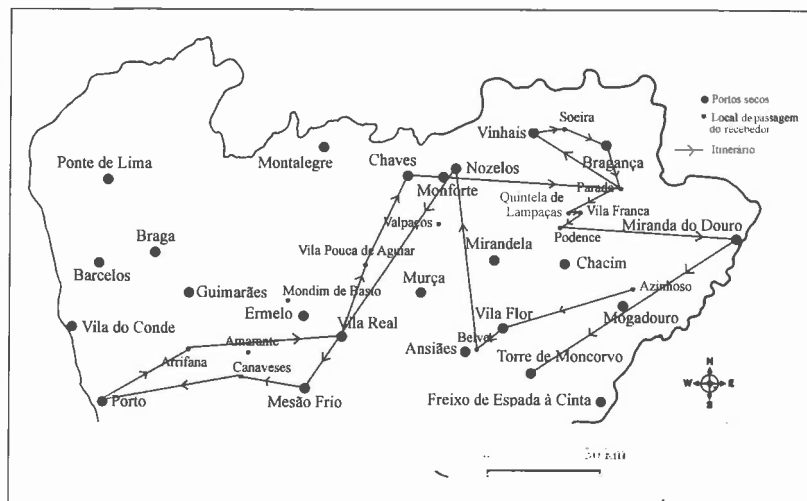
<sup>37</sup> Dados recolhidos de I.A.N./T.T., NA 520, *Livro de recebimento de sisa e dizima. Ano de 1514.*

38 Dados recolhidos de I.A.N./T.T., NA 521, *Livro de recebimento de sisa e dízima. Ano de 1515.*

MAPA N.º 6

Itinerários do recebedor dos portos e do escrivão no ano de 1516<sup>39</sup>

MAPA N.º 7

Itinerários do recebedor dos portos e do escrivão no ano de 1517<sup>40</sup>

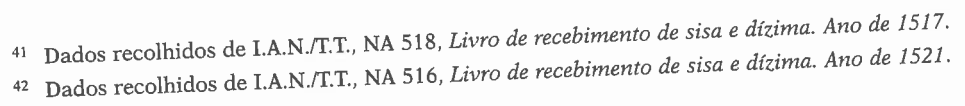
<sup>39</sup> Dados recolhidos de I.A.N./T.T., NA 521, *Livro de recebimento de sisa e dízima. Ano de 1515.*

<sup>40</sup> Dados recolhidos de I.A.N./T.T., NA 518, *Livro de recebimento de sisa e dízima. Ano de 1517.*

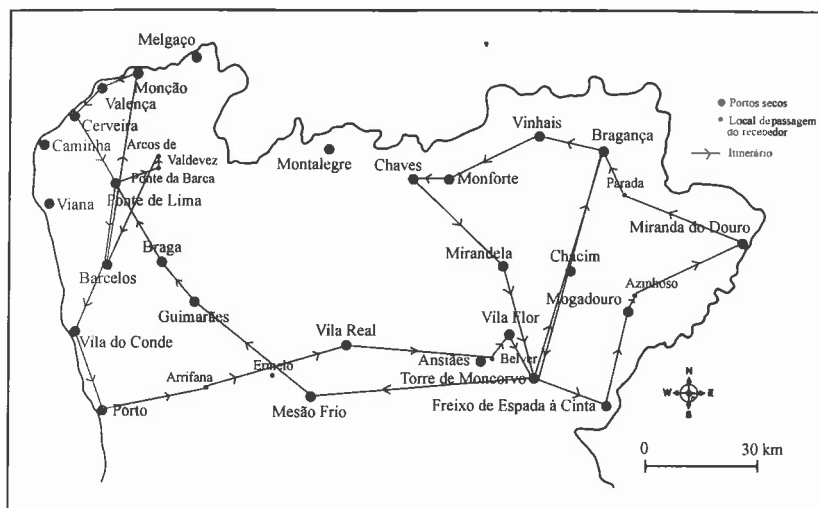
**Itinerários do recebedor dos portos e do escrivão no ano de 1518**<sup>41</sup>



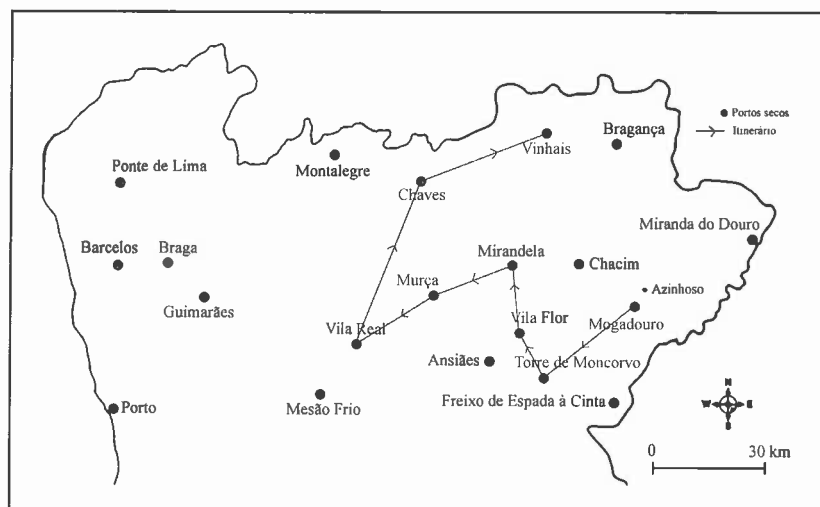
Itinerários do recebedor dos portos e do escrivão no ano de 1521<sup>42</sup>



MAPA N.º 10

Itinerários do recebedor dos portos e do escrivão no ano de 1522<sup>43</sup>

MAPA N.º 11

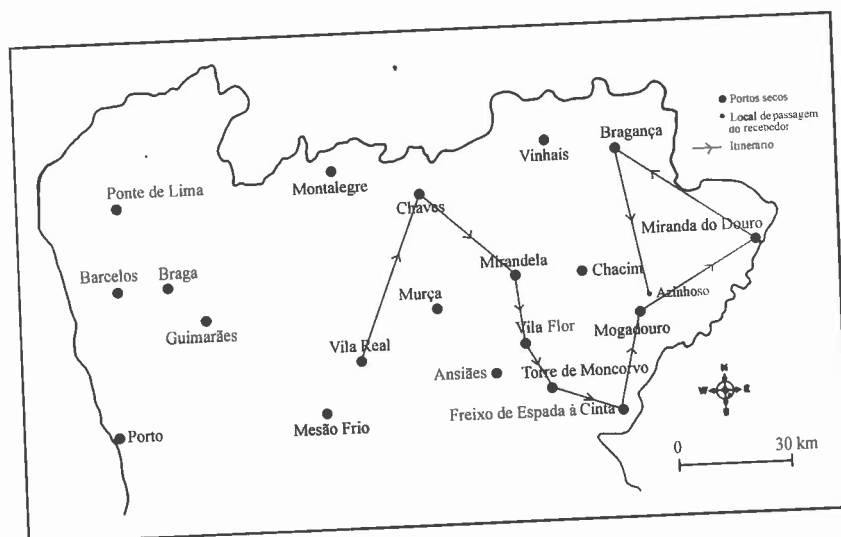
Itinerários do recebedor dos portos e do escrivão no ano de 1526<sup>44</sup>

<sup>43</sup> Dados recolhidos de I.A.N./T.T., NA 516, *Livro de recebimento de sisa e dízima. Ano de 1521.*

<sup>44</sup> Dados recolhidos de I.A.N./T.T., NA 522, *Livro de recebimento de sisa e dízima. Ano de 1526.*



MAPA N.º 12

Itinerários do recebedor dos portos e do escrivão no ano de 1527<sup>45</sup>

<sup>45</sup> Dados recolhidos de I.A.N./T.T., NA 522, *Livro de recebimento de sisa e dízima. Ano de 1526.*

Separata de  
ACTAS do  
*III Congresso Histórico de Guimarães*  
*D. MANUEL E A SUA ÉPOCA*  
24 a 27 de Outubro de 2001  
Volume I